

POR UMA RECUSA A MORTE DOS SERES HUMANOS: GILGAMESH COMO SÍMBOLO REPRESENTATIVO MESOPOTÂMICO

André Luiz Ribeiro da Silveira¹

Resumo: Muitos personagens históricos podem simbolizar a extensa história da Mesopotâmia, entretanto este estudo busca apresentar um olhar individual acerca do rei mítico Gilgamesh e de sua influência ao longo de diferentes narrativas presentes na região mesopotâmica. Através de uma breve apresentação deste protagonista, indicarei como os seus discursos se enraizaram nas atitudes de reis porvindouros ao longo da história da Mesopotâmia. A morte, como exemplo neste artigo, evidencia a tentativa de eternizar-se à todos os custos pelos monarcas que leram as narrativas da “*Epopéia de Gilgamesh*”

Palavras-chave: Gilgamesh; Mesopotâmia; morte; reis; “**Epopéia de Gilgamesh**”

FOR A REFUSAL TO THE DEATH OF HUMAN BEINGS: GILGAMESH AS A MESOPOTAMIC REPRESENTATIVE SYMBOL

Abstract: Many historical characters can symbolize the extensive history of Mesopotamian, however this study seeks to introduce an individual look at the mythical king Gilgamesh and his influence throughout different narratives present in the Mesopotamian region. Through a brief presentation of this protagonist, I will indicate how his speeches were rooted in the attitudes of future kings throughout Mesopotamian history. Death, as an example in this article, highlights the attempt to eternalize at all costs by the monarchs who read the narratives of the “*Epic of Gilgamesh*”

Key-words: Gilgamesh; Mesopotamia; death; kings; “**Epic of Gilgamesh**”

Discussão histórica sobre a figura de Gilgamesh:

O compilado literário que conhecemos como *Epopéia de Gilgamesh* se caracterizam como poemas a respeito de um rei antigo da cidade de Uruk (localizado ao sul da Mesopotâmia) dotado nos escritos como Gilgamesh ou Bilgames – dependendo das línguas mesopotâmicas² –, refletem um mundo cheio de aventuras,

¹ Pós graduado (*Lato Sensu*) em História no Programa de Pós Graduação do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval (CEHAM) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com o centro acadêmico do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA). Orientado pela Prof. Dr. Gisele Marques Câmara. Email para contato: andre_luiz_2015@hotmail.com

² Na antiga Mesopotâmia (A.E.C) conviviam diferentes sociedades localizadas formas “urbanas” de vida, e por consequência desse contexto, tais povos construíram línguas e diálogos próprios seja por meio da intelectualidade ou pela dominação militar que ora uma cidade punha a outra. Portanto, dependendo da tradução realizada por aqueles povos os nomes dos personagens podem variar sofrendo algumas alterações. Os mais conhecidos povos destacam-se sumérios, acádios, babilônicos e assírios.

emoções e tragédias. Tais contos abordam uma sociedade antiga dos sumérios ainda possivelmente na passagem do terceiro milênio para o segundo (A.E.C)³, pois inicialmente faziam parte da cultura de lendas orais, isto é, a construção do mito permeava-se através dos rituais presentes nas cidades mesopotâmicas e, com o passar do tempo, foram transformados em forma escrita em tabuinhas de barro, um exercício muito costumeiro aos escribas sumerianos que praticavam esta primogênita forma de expressar suas vivências cotidianas.

Historicamente, as inscrições das antigas tabuletas da Mesopotâmia apontaram que teria existido um rei chamado Gilgamesh, entre os anos de 2850-2500 (A.E.C) na segunda dinastia de Uruque, pós-diluviano. Contudo, devemos tratar essa existência como mera especulação, pois da confecção da lista para o período de Gilgamesh muitos anos se passaram: é impossível afirmar se essa figura real existiu ou não. Segundo a narrativa, Gilgamesh reinou por período longo em Uruque, sendo uma época de relativa paz. A arqueóloga DALLEY ratifica o caráter de personagem histórico do soberano:

Nós sabemos que, como certo, foi considerado na antiguidade como um personagem histórico. Por um longo período de tempo, não estava claro se as partes anteriores do rei sumeriano listavam, em que os remanescentes “super humanos” eram atribuídos a todos os governantes, eram inteiramente ficcionais ou míticos. As inscrições históricas do rei de Kish, Enmebaragesi que pertence à mesma época, agora saíram à luz⁴ (DALLEY: 1989: 40)

Outro ponto a ser destacado nesta passagem de Stephanie Dalley refere-se a um termo que surgiu na Antropologia, mas que hoje possui ampla utilização nas ciências que estudam a cultura e suas linguagens, estando ele transdisciplinar: a performance. Este conceito presente nas narrativas orais, elabora todo o sentido do ritual através da maneira que os atores e personagens lidam com as histórias do mito, atribuindo-o como evento capaz de caracterizar produções performáticas (LANGDON, 1999: 21). Objetivamente, a performance está interligada a tradição, ao modo que uma sociedade enxerga seus valores, culturas e, se falamos do mito recai sobre o passado

³ Neste presente artigo utilizarei sempre como ponto de análise o contexto da Antiguidade caracterizado nas pesquisas mais recentes como (A.E.C). Caso necessite avançar nos tempos após essa nomenclatura sinalizarei no texto.

⁴ Tradução original do inglês de Stephanie Dalley “We know that, of course, he was considered in antiquity as a historical character. For a long period of time, it was unclear whether the previous parts of the Sumerian king listed, in which the remaining “super humans” were attributed to all rulers, were entirely fictional or mythical. The historical inscriptions of the king of Kish, Enmebaragesi who belongs to the same time, have now come to light”

em comum, entretanto a questão da *práxis* de sua importância para absorção do conteúdo e causar dramaticidade ao mito, possuindo os atores da cerimônia papéis primordiais de formulação da encenação diante da produção mítica

As ações de Gilgamesh que influenciaram os reis porvindouros:

Há também nesta obra histórica, um epílogo que apresenta o rei Gilgamesh ao leitor:

Existe em algum lugar um rei como Gilgamesh para reivindicar o nome de rei? Desde o dia de nascimento de Gilgamesh ele tem esse nome. Dois terços deus e um terço humano. Belet-ili [desconhecido]? A grande deusa desenhou suas formas do seu corpo. Nudimmudi, a sabedoria, deu-lhe o corpo perfeito.⁵ [grifos meus] (KENDALL, 2012: 96)

De certo, a narrativa de imediato destaca o grau divino do protagonista, possuindo os mesmos dois terços de caráter sagrado, e apenas um de humano, ou seja, muito mais deus do que homem. Segundo este relato mítico, Gilgamesh fora criado pelos grandes deuses mesopotâmicos desde sua infância, entretanto cabe uma observação relevante: o rei não era somente deus, mas homem. E o fato de um terço de sua “alma⁶” ser pertencente à carne comum de um ser humano qualquer proporciona uma concepção realista do mito em que o rei possui destino igualitário aos dos homens comuns de sua época, que seria a morte.

Grande parte destas tabuinhas narra as façanhas do rei Gilgamesh e seu amigo Enkidu perante inimigos desconhecidos por aquela região e, em algumas traduções posteriores até mesmo a citação de guerras contra outros reis mesopotâmicos⁷, em que estes quase sempre venciam com alguma dificuldade. A partir dos momentos finais da *Epopeia de Gilgamesh*, Enkidu é amaldiçoado pelos deuses e em pouco tempo de doença vem a falecer nos braços de seu amigo. Este acontecimento desencadeia uma reviravolta na narrativa em que pela primeira vez a morte se fez presente no seu círculo de amigos

⁵ Tradução própria do inglês de Stuart Kendall “Is there a king like Gilgamesh anywhere to claim the name of king? Since the day of Gilgamesh's birth he has had this name. Two thirds god and one third human. Belet-ili? The great goddess drew her body shapes. Nudimmudi, the wisdom, gave him the perfect body”

⁶ Quando me refiro ao termo “alma” sugiro apenas uma forma de compreender o funcionamento das divisões de um corpo. Para uma utilização mais adequada de um termo próximo a este desejaria um conhecimento específico em traduções das tabuinhas mesopotâmicas.

⁷ Caso este de algumas traduções assírias do primeiro milênio encontradas na biblioteca pessoal do rei assírio Assurbanípal (690-627) na cidade de Nínive, atual Iraque. Ver LEICK, Gwendolyn. *A invenção da cidade*, pg 259, 2005.

mais íntimas e, portanto, há presente uma recusa completa da morte em seu estado natural do homem provocando inúmeras reflexões do protagonista sobre a morte e suas conseqüências.

A partir do aparecimento da morte em sua jornada, o herói inaugura uma situação histórica ainda inédita: a busca desproporcional em imortalizar o ser humano através das tradições e rituais religiosos. A narrativa apresenta o discurso do rei sumério:

Quando a primeira luz do amanhecer apareceu, Gilgamesh gritou pela terra. O ferreiro, o lapideiro, o caldeireiro, o ourives, o joalheiro e foram convocados. Ele fez uma semelhança de seu amigo, ele formou uma estátua de seu amigo (...) Príncipes da terra beijarão seus pés⁸. (DALLEY, 1989; 93)

Nessa linha de raciocínio, a não aceitação da morte de Enkidu condiciona ao herói mesopotâmico uma posição da necessidade para uma construção imortalizada de memória ao amigo falecido em que pese à montagem de uma estatueta nos portões do palácio de Uruque realizada pelos mais hábeis ferreiros da cidade. Outrossim, tal prática fora concebida por diversas sociedades próximas inclusive aos faraós egípcios que destacavam-se pelas estátuas gigantescas de sua imagem⁹, mas não de um membro do palácio. Tal episódio inaugura uma época inicial da busca pela eternidade que irá se desenrolar por toda história das sociedades mesopotâmicas em que reis de diferentes origens e etnias almejam ser reconhecidos pelos seus feitos diante da sina natural de morte que enfrentariam no futuro.

Além da recusa a natureza dos seres vivos de morrer, Gilgamesh se despede momentaneamente do comando da cidade e parte em uma jornada para alcançar a eternidade que tanto almejava. Lá, ele encontra a única família que teria a vida eterna dada pelos deuses mesopotâmicos em uma espécie de “dívida” pela ajuda a manter vivos os seres humanos – nesse caso as tabuinhas mesopotâmicas relatam o dilúvio como castigo divino¹⁰ – e a ordem natural do mundo. A arqueóloga austríaca Gwendolyn Leick comenta sobre este assunto:

⁸ Tradução original do inglês de Stephanie Dalley “When the first light of dawn appeared, Gilgamesh sent out a shout through the land. The smith, the lapideiro, the coppersmith, the silversmith, the jeweller (were summoned). He made [a likeness?] of his friend, he fashioned a statue of his friend (...) Princes of the earth will kiss your feet”

⁹ Ver KUHRT, Amelie. *El oriente Proximo en la Antigüedad* (3000-330), Volume 1, Editorial crítica, Barcelona, 2000.

¹⁰ Ver BUDGE, E.A Wallis. *A versão babilônica sobre o dilúvio e a Epopeia de Gilgamesh*. São Paulo: Madras Editora, 2004.

Gilgamesh, apesar de suas aventuras semilendárias, ficou famoso ao fracassar em sua busca de vida eterna. A tradição mesopotâmica insistiu em possuir heróis que fossem heróis culturais. Gilgamesh tornou-se imortal ao dar significativa contribuição para a grandeza da cidade quando se valeu da suprema invenção cultural de Uruque: a escrita (LEICK, 2005: 79)

Entretanto, a decepção do protagonista em aceitar seu destino como homem o leva a questionar incessantemente os principais deuses da Mesopotâmia afrontando-os sempre que possível e, portanto, a raiva e rancor para com a morte se acentuam a ponto de ofensa ao sagrado, atingindo um nível altíssimo de desaforos caracterizados como verdadeiras maldições¹¹. Por mais que este fosse também um deus, o seu lado humano o tornava vulnerável/suscetível a encarar a realidade a sua frente de que a morte chegaria também para ele, independentemente da posição de prestígio que gozasse.

A busca pelo confronto e não pela conciliação representa uma perspectiva hostil em que Gilgamesh enxergava em parte dos deuses mesopotâmicos. Porém, a entidade que representava a justiça – Shamash – continuará a dar conselhos¹² para o monarca visto a preocupação que a deidade aparentava ter para com ele. Shamash nunca fora um deus popular na região, todavia muitos monarcas posteriores se assemelhavam a figura da justiça descrevendo em muitas ocasiões a nítida correlação entre o governante a deidade. Além disso, os reis conhecidos como “intelectuais”¹³ – por se interessarem pelas leituras sumérias-acadianas – conheciam profundamente as narrativas de Gilgamesh em que de vez em quando o protagonista aparecia em algum conto, nem que fosse em um sonho para aconselhar o monarca¹⁴. O rei Hamurábi (1810-1750) possui uma das imagens com Shamash¹⁵ mais conhecidas da Mesopotâmia:

¹¹ Amaldiçoar alguém ou a algum deus possui concepção entre o gerador da maldição e o receptor da “desgraça”, a imagética construída de “amaldiçoar alguém” por vezes é repetida ao longo das tabuinhas (até com outros personagens), e possivelmente como característica comum ao cotidiano das pessoas da época, a maldição possui papel de pôr alguém no infortúnio. Ver KRAMER, S. N.. *The sumerians, their history, culture, and character*. by The University of Chicago. All rights reserved, Published 1963, Printed in the United States of America

¹² Tradução do original do inglês de Stephanie Dalley “Shamash viu Gilgamesh caminhando pelo jardim à beira do mar, e ele viu que o herói estava vestido com peles de animais e que se alimentava de sua carne. Isto o aborreceu “ (DALLEY, 1989: 101)

¹³ Dentre deles os mais conhecidos serão Hamurábi, da Babilônia, Assurbanípal, da Assíria e Senaqueribe, de ascendência dos caldeus.

¹⁴ Caso este dos reis babilônicos em que no período de comando militar pelo rei Hamurábi, Gilgamesh recorrentemente aparecia como um dos sacerdotes do submundo. Ver RICHARDSON, Seth. *Messaging and the Gods in Mesopotamia: Signals and systematics*, pp 94-167 in *Mercury's Wings*, ed. R. Talbert and F. Naiden, 2017

¹⁵ Vale dizer que ainda ocorre um debate historiográfico sobre a deidade da estela acima. Quase que como consenso do momento histórico vivido naquele momento pela Babilônia, Shamash era uma deidade que geralmente aparecia em momentos de certa estabilidade política vivida por alguma cidade-estado. Outros



Figura 1: Hamurábi em pé recebendo o “Código de Hamurábi das mãos de Shamash que lhe confiara as leis para governar o povo. Atualmente esta estela encontra-se no Museu do Louvre. Link para acesso a imagem virtual:

https://en.wikipedia.org/wiki/Hammurabi#/media/File:F0182_Louvre_Code_Hammourabi_Bas-relief_Sb8_rwk.jpg

Conclusão:

A tristeza ao destino dos homens de conhecer a morte torna-se uma concepção “popularizada” entre os principais monarcas da Mesopotâmia que governaram milênios após o rei sumério. A atitude de buscar imortalidade ganha ênfase entre os principais líderes do Crescente Fértil que tentaram se fixar com enormes zigurates, jardins e até mesmo construções de muralhas para proteção da cidade¹⁶.

Não obstante, a vontade de se perpetuar na história de seu povo permitiu aos reis mesopotâmicos não apenas se validar nas construções arquitetônicas de estátuas, mas também firmado com contribuições escritas sob a égide religiosa. Refiro-me aqui a

pesquisadores atribuem a Marduk a imagem, porém Marduk nesta época não possuía tamanho que terá no milênio seguinte (A.E.C) com a dominação assíria na Mesopotâmia.

¹⁶ Leick comenta sobre as formas de se legitimar no poder mediante a uma região muito hostil no que se refere a dominações militares. (LEICK,2005: 175)

elaboração especificada dos conhecidos “códigos de conduta e leis”¹⁷ baseados nos princípios das tradições mesopotâmicas. Em suma maioria, tais coleções jurídicas se iniciam com um epílogo engrandecendo o rei responsável em promulgar o que pretende a realizar. Antes de Gilgamesh, não havia qualquer citação específica a que um rei realizava por “intermédio dos deuses”, nem mesmo a um nível de “propaganda política”. Tudo era feito através dos deuses e os monarcas apenas recebiam a ordem das deidades e as fazia cumprir, contudo a partir das histórias da *Epopéia de Gilgamesh* nota-se uma autonomia do soberano em algumas situações; primeiro em não aceitar algo que estava pré-determinado pelos deuses a ele visto sua condição humana e, portanto, mortal; e depois pela excêntrica decisão em amaldiçoar as entidades religiosas de sua região através dos principais sacerdotes da cidade.

De fato, Gilgamesh possui uma influência direta nas diferentes sociedades posteriores a sua existência, mas como pode-se dizer que o monarca é um símbolo de um povo tão distinto e, concomitantemente, tão único?

Nada quando se trata de Mesopotâmia abrange algo que seja de fácil assimilação em que pese as dificuldades de novas traduções ou decifrações de trechos de muitas tabuletas obscuras, todavia é possível a indicação de novos olhares para estas sociedades. Ser símbolo de algo ou de alguém recai em; primeiro obter relevância para aquelas sociedades a ponto de com o passar dos séculos, a tradição representada pelo mito não cair no esquecimento e ser lembrada em situações esporádicas, geralmente ritualísticas; e também com a capacidade cultural de influenciar civilizações muito complexas que se atacavam constantemente em busca de hegemonia política na região.

Vale destacar que o que se estuda atualmente como “mito” um dia fora religião para as pessoas da época analisada, e a tradição através dos rituais dá voz as respectivas de asseguramento das memórias da sociedade. Portanto, o interesse reside em observar o mito sendo construído para além da oralidade, como algo efetivo que possui profundidade na vida de pessoas que transcende a ilusão de que falava Lévi-Strauss¹⁸ para uma posição ritualística do mito ou entendido como uma religião (MIRCEA, 1972:7)

¹⁷ Refiro-me ao código de Hamurábi, Ur-Nammu e LipitIstar. Ver BOUZON, Emanuel. *Ensaioes babilônicos: Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia Pré-Cristã*. Porto Alegre, Coleção História, 1988

¹⁸ Recomendo a leitura deste autor para aprofundar o conceito de mito e sua devida implicação no estudo da História. Ver STRAUSS, Claude L. *Mito e significado. Perspectivas do homem*/edições 70, Lda Lisboa, Tradução por Antonio Marques Bessa, 1978.

Não obstante, pouco pode-se afirmar sobre as terras do Crescente Fértil, uma delas é o contexto político/militar. As guerras entre cidades-estados mesopotâmicas representavam uma constante luta sobre o controle das terras e de seus devidos impostos, bem como o prestígio que o monarca poderia ter ao ser conhecido como “rei das terras do Eufrates”. Posto isso, obter influência cultural em um território dominado pelas guerras incessantes entre sociedades vizinhas, obtendo certa unanimidade de sabedoria entre o grupo dos monarcas mesopotâmicos vindouros recai na figura de Gilgamesh. Dessa maneira, a *Epopeia de Gilgamesh* possui um peso no meio acadêmico, obtendo a mesma um relevante espaço visto que proporciona lucidez sobre sociedades tão antigas que muito ainda não se sabe, e pela dificuldade de tradução por se tratar de línguas praticamente extintas, e, portanto, cabe a nós pesquisadores a verídica atividade de detetive em juntar as informações necessárias para compreensão de sociedades tão complexas.

Bibliografia

- BOTTERO, Jean. *No começo eram os deuses*. Civilização Brasileira, 2011.
- BOUZON, Emanuel. *Ensaio babilônicos: Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia Pré-Cristã*. Porto Alegre, Coleção História, 1988.
- _____. O código de Hammurabi, Petrópolis, Editora Vozes, 1992.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Gilgamesh, Ele que o abismo viu*. Autor original Sin-léqi unninni. Tradução do acádio feito por Jacyntho Lins Brandão. 1 ed, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.
- BUDGE, E.A Wallis. *A versão babilônica sobre o dilúvio e a Epopeia de Gilgamesh*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- CANDIDO, Maria Regina. *A conectividade e Interações culturais através do Mediterrâneo*. Artigo publicado no livro *As Fronteiras da Antiguidade Clássica e da Cultura Oriental: Imanescências*. Rio de Janeiro: Editora Metáfora, 2017, pag. 53 –66 (UERJ, Instituto de Letras, ISBN:978.85.5700.147.3).
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. Volume 47 da série Princípios, Editota Ática, 1986, Universidade do Texas.
- DALLEY, Sthepanie. *Myths from Mesopotamia –Creation, the flood, Gilgamesh and others*. Oxford University, New York, 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sociedades do antigo Oriente Próximo*. Volume 47 da série Princípios, Editota Ática, 1986, Universidade do Texas.
- DALLEY, Sthepanie. *Myths from Mesopotamia –Creation, the flood, Gilgamesh and others*. Oxford University, New York, 1989
- KENDALL, Stuart. *Gilgamesh*, First Contra Mumдум Press edition, New YorK, 2012
- KRAMER, S. N.. *The sumerians, their history, culture, and character*. by The University of Chicago. All rights reserved, Published 1963, Printed in the United States of America_
- _____. *Mesopotâmia: o berço da civilização*, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, traduzido para o português em 1969, obra original de 1967.
- KUHRT, Amelie. *El oriente Proximo en la Antiguedad (3000-330)*, Volume 1, Editorial crítica, Barcelona, 2000.

LANGDON, Ester Jean. *A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura oral*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez. 1999.

LEICK, Gwendolyn. *A invenção da cidade*. Tradução Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Imago Ed, 2003.

LIVERANI, Mario. *The Ancient Near East: history, society and economy* translated by Soraia Tabatabai, first published in English 2014 by Routledge 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon OX14 4RN and by Routledge 711 Third Avenue, New York, NY 10017.

_____. *Uruk, the first city*. First published in English in 2006 by Equinox Publishing Ltd. UK: Unit 6, The Village, 101 Amies St., London SW11 2JW.

RICHARDSON, Seth. *Messaging and the Gods in Mesopotamia: Signals and systematics*, pp 94-167 in *Mercury's Wings*, ed. R. Talbert and F. Naiden, 2017.

STRAUSS, Claude L. *Mito e significado*. Perspectivas do homem/edições 70, Lda Lisboa, Tradução por Antonio Marques Bessa, 1978.